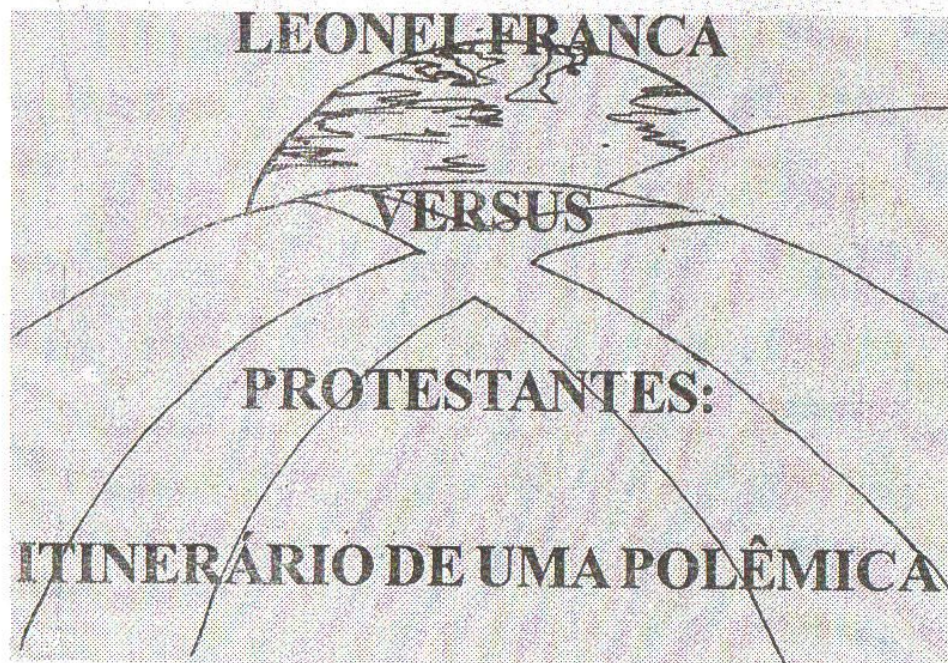


Éber Ferreira Silveira Lima



editora **UEL**

Éber Ferreira Silveira Lima

LEONEL FRANCA
VERSUS
PROTESTANTES:
ITINERÁRIO DE UMA POLÊMICA

Biblioteca Antonio Carlos Moreira
Nº

editora **UEL**
Londrina
1995

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na fonte elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

L7321 Lima, Éber Ferreira Silveira
Leonel Franca versus protestantes:
Itinerário de uma polêmica / Éber Ferreira Silveira Lima. -
Londrina
Ed. UEL, 1995.
35 p. : 22cm.

1. Religião - Filosofia - Brasil.
2. Catolicismo - Brasil. 3. Protestantes - Brasil. I. Título.

CDU 21 (81)

Índices para Catálogos Sistemáticos:

1. Religião: Filosofia: Brasil
21 (81)
2. Brasil - Religião - Filosofia
(81) 21

Universidade Estadual de Londrina
Reitor
Jackson Proença Testa

Vice-Reitora
Nílis Jacon de Araújo Moreira

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
Diretor Leonardo Prota

Conselho Editorial
Aylton Barbieri Durão
José Benedito Iglesias Prestes
José Eduardo de Siqueira
Jorge Edison Ribeiro
Leonardo Prota (Presidente)
Mary Stela Müller
Paulo César Boni
Ronaldo Baltar

editora **UEL**

Editora da Universidade Estadual de Londrina
Campus Universitário
Caixa Postal 6001 - Londrina-PR.
CEP: 86.051.970 - Fone: (043) 371-4656
Fax: (043) 328-4440

CAPA: Aparício Lopes Junior - Impressão Gráfica da UEL

SUMÁRIO

Introdução	05
I A polêmica como veículo do discurso religioso	06
II Catolicismo e protestantismo no Brasil em tempo de polêmica	09
III O "campeão do catolicismo" e os "baluartes do protestantismo"	13
1. Raízes filosóficas	16
2. Bases teológicas	17
3. O desdobramento do confronto	18
Conclusão	24
Apêndices	26
Notas e referências bibliográficas	27
Bibliografia	32

LEONEL FRANCA VERSUS PROTESTANTES : ITINERÁRIO DE UMA POLÊMICA

Introdução

O presente trabalho pretende esboçar as motivações e os rumos de uma polêmica das primeiras décadas deste século, envolvendo um padre jesuíta, intelectual dos mais conhecidos - Leonel Franca - e quatro ministros protestantes presbiterianos-Eduardo Carlos Pereira, Ernesto Luiz de Oliveira, Othoniel Motta e Lisânias Cerqueira Leite. Mais do que simplesmente tratar-se de uma querela religiosa particular, e portanto, de interesse restrito, a referida polêmica pode ser analisada pelo prisma da História das Idéias, bem como servir de ilustração para a compreensão das relações entre o catolicismo e o protestantismo no contexto da sociedade brasileira.

A controvérsia na qual envolveram-se os religiosos citados acima foi a maior e mais significativa polêmica acontecida no Brasil entre católicos e protestantes¹. Evidentemente estamos fazendo uma referência ao confronto de idéias expresso através de obras escritas-livros e opúsculos - e não aos choques que lembram a violência das perseguições ou das lutas religiosas. O confronto a ser descrito transcorre no campo das idéias, mas nem por isso deixa de ter peso social. O debate acontece no fragor da afirmação de um protestantismo autóctone² e no esforço de recuperação de influência por parte do catolicismo³.

Visando a reconstruir a polêmica, temos de examinar um pouco o estilo literário utilizado pelos contendores. Tal estilo é marca de um período e reforça o discurso totalizante de ambas as partes. Posteriormente, analisaremos a situação histórica das diferentes vertentes do cristianismo nos primeiros decênios do Brasil-República. Finalmente, teremos alcançado o âmago deste trabalho, qual seja, o acompanhamento da polêmica entre os religiosos.

Embora o debate entre Franca e os pastores seja um momento importante, ainda não foi devidamente descrito e interpretado*. Nossa intenção é dar um primeiro passo para preencher essa lacuna.

* O presbiteriano Mário Amaral Novaes escreveu uma longa introdução à segunda edição do livro O Problema religioso da América Latina, no ano de 1943. Nessa introdução, Novaes procurou analisar essa polêmica, mas sua perspectiva visava a defender os protestantes.

I. A polêmica como veículo do discurso religioso

Os modernos estudos da lingüística, especialmente aqueles que se referem à semiótica, demonstram que a análise de qualquer texto tem de levar em conta “o discurso no contexto sócio cultural que o envolve”⁴. Ensinam ainda que “o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos lingüísticos é o discurso”⁵. Isso quer dizer que a elaboração do discurso redundava na criação de um tecido complexo, que reflete muito mais do que símbolos com significantes convencionados⁶. Tem-se toda uma construção cultural e social.

Valhamo-nos ainda dos ensaios do Prof. José Luiz Fiorin, uma das autoridades brasileiras no campo da lingüística. Lembra-nos Fiorin que todo discurso tem uma sintaxe discursiva, através da qual o falante (no caso de um texto, o autor) desenvolve suas estratégias argumentativas, criando “efeitos de sentido de verdade ou de realidade com vistas a convencer seu interlocutor”⁷. É o campo da manipulação consciente, presente a noção de ideologia. Ao lado da sintaxe discursiva caminha a semântica discursiva, que seria o “conjunto de elementos habitualmente usado nos discursos de uma dada época”, “a maneira de ver o mundo numa dada formação social”⁸. A semântica discursiva estaria no campo das determinações inconscientes.

A partir dessas colocações, podemos dizer que a polêmica, enquanto estilo literário, encaixa-se como estratégia argumentativa no que Fiorin chamou de sintaxe discursiva. A polêmica esteve presente em toda a história do pensamento ocidental, como artifício oral ou escrito na defesa de idéias em debate ou controvérsia. A polêmica é filha do uso da razão. O próprio Fiorin já citado lembra o Padre Vieira, e seus sermões em defesa do escravo negro, tão maltratado pelo senhor branco, e isso nas primeiras décadas do século XVII⁹. No caso particular da polêmica que estamos tratando, é mais do que um debate de idéias: é o estilo em voga, a maneira pela qual pessoas de uma determinada época e contexto expressam e defendem os seus pontos-de-vista.

Dá-se aqui um casamento interessante entre a sintaxe discursiva (concretizada no estilo de controvérsia, com todas as suas peculiaridades) e a semântica discursiva. Tanto no discurso do Padre Franca, na defesa que fez do catolicismo enquanto religião legítima da maioria dos brasileiros, quanto no discurso protestante, apresentado como uma alternativa moderna e coerente de cristianismo, temos a formulação ideológica. A polêmica serve

como elemento de reforço das próprias ideologias, uma vez que dá o tom combativo, como uma “cruzada” de palavras em prol da “verdade”. Ajusta-se, então, o estilo ao próprio significado original do vocábulo (em grego, “polemikós” significa “guerreiro”), e à maneira como os debatedores vêem o seu mundo.

A história do cristianismo mostra que a propagação da mensagem evangélica ocorreu, desde Jesus Cristo e o enfrentamento dos escribas, fariseus e autoridades judaicas, em ritmo de confronto. Um teólogo católico, sobre isso, afirma: “a história dos primeiros tempos do apostolado cristão é uma história de militância. O evangelho se propagou em clima de combate”¹⁰. Não é à toa que no século II surgem os chamados “apologistas”, quais sejam, líderes da Igreja, defensores e propagadores da fé cristã, que assentaram as bases da apologética teológica. Dentre outros, lembramos os nomes de Justino, Apolinário, o desconhecido autor da “Epístola a Diogneto” e Tertuliano. A tradição cristã conservou desde então a Apologética como disciplina e campo de estudo do futuro sacerdote, visando prepará-lo para as lides da Igreja.

No escopo da teologia protestante isso não foi diferente. Internamente sempre estiveram na ordem do dia os debates relativos às diferenças das diversas confissões protestantes. Nos Estados Unidos, na segunda metade do século XIX, desenvolveu-se intenso confronto entre o chamado “liberalismo teológico” (baseado no racionalismo e na crítica bíblica) e o “fundamentalismo” (firmado na interpretação literal da Bíblia). Face à isso e à necessidade de confrontar o catolicismo, o racionalismo ateu e o misticismo, os teólogos protestantes de orientação mais conservadora (do ponto-de-vista da teologia) deram combate à tais “inimigos”. Um exemplo clássico é Charles Hodge, professor do Seminário Teológico da Princeton EUA, que em 1871 incluiu tais preocupações em capítulos de sua *Systematic Theology*¹¹. A mesma coisa aconteceu com outro teólogo, Augustus H. Strong, que escreve sua *Systematic Theology* um pouco mais tarde, em 1907¹².

O sucessor de Hodge em Princeton foi Benjamin B. Warfield. Sua área de docência, a teologia, conhecia naquela época uma disciplina muito peculiar, da qual Warfield foi professor de 1887 a 1921: a teologia polêmica¹³. Ao lado da teologia dogmática, da exegética e da histórica, a teologia polêmica era estudo obrigatório para todos aqueles que aspiravam ao ministério pastoral protestante.

O preparo para polemizar era apenas um lado. No mesmo período, um número muito grande de obras foram publicadas, referentes à controvérsias com o catolicismo, que visavam a preparar os protestantes em geral para esse mister. Havia dicionários de controvérsias (como o elaborado pelo

italiano valdense Teófilo Gay ao final do século XIX¹⁴.) e textos que enfocavam especificamente os aspectos doutrinários em litígio com a Igreja Católica¹⁵.

O que queremos destacar é que a polêmica religiosa no Brasil, no período compreendido entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, seguia a tendência estilística em realce nos Estados Unidos e na Europa, nos debates entre o catolicismo e o protestantismo. Tal estilo tornou-se o veículo ideal para a veiculação do pensamento da época. A sintaxe discursiva encontrou na controvérsia a sua forma ideal no apoio à semântica discursiva da religião. A eficiência dessa combinação, constata-se historicamente: os protestantes cresceram e se consolidaram à sombra dos debates com o catolicismo, e os católicos valeram-se também disso para fortalecerem a imagem de Igreja "oficial" do Brasil.

II. Catolicismo e protestantismo no Brasil em tempo de polêmica

Já afirmamos anteriormente que a polêmica desenvolvida por católicos e protestantes no Brasil foi significativa. É bom aprofundar agora tal questão, para efeito de melhor se entender o quadro da época.

Lembra muito bem o pensador protestante Antonio G. Mendonça, que quando o protestantismo chegou ao Brasil, no século XIX (1824, com os huijigrantes alemães; 1855, com o primeiro missionário estrangeiro enviado para implantar igrejas), "encontrou aqui uma religião já confortavelmente instalada, tendo já vencido, aparentemente, todos os seus obstáculos"¹⁷. Isso significou a adoção, da parte do protestantismo, de uma estratégia de crescimento com base no combate ao catolicismo. Os primeiros missionários fizeram isso de maneira contida, até porque a Constituição brasileira proibiu as manifestações anti-católicas. As primeiras gerações de pastores nacionais, porém, passaram ao ataque de maneira ostensiva. É sempre bom lembrar que a formação teológica desses protestantes emanava dos centros americanos mais conservadores, ligados a teólogos como Hodge e Warfield. É natural que o anti-catolicismo desses centros se refletisse aqui, e tal literatura se tornasse a base da formação pastoral protestante brasileira.

Em contrapartida, também no meio católico os ânimos se predisporam para polemizar. Diga-se de passagem que o catolicismo brasileiro já vinha "escaldado" pelos debates relativos à "Questão Religiosa" de 1872-1875, quando dois bispos chegaram a ser aprisionados à mando do Imperador e por influência da maçonaria e dos liberais. Roma concentrou-se em fortalecer o clero brasileiro comprometido com o catolicismo mais alinhado com o papa. Os alvos preferenciais da Igreja passaram a ser a maçonaria, o liberalismo e o protestantismo. Tal situação perdurou até a proclamação da República (1889), quando a Igreja, vendo-se preterida como veículo religioso oficial, teve que se alinhar ao novo tempo e ao regime político. Em resposta a isso, reorganizou-se internamente, fortaleceu-se enquanto instituição, abrindo espaço para uma plêiade de intelectuais (leigos e clérigos) e para a organização de entidades leigas de peso político-social. Voltaremos à isso mais adiante. Por ora, basta saber que tal mobilização visava exatamente a enfrentar os adversários políticos e religiosos, reduzindo-se então o campo do testemunho missionário da Igreja e ampliando-se a ação apologética.

É possível perceber a agressividade de ambas as partes, se examinarmos a literatura de controvérsia existente. Antonio G. Mendonça cita o caso

da refutação que o Rev. Miguel Torres, por volta do ano de 1879, faz em relação ao “Catecismo sobre a Igreja Católica”, da lavra de Dom Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará¹⁸. A obra do pastor intitulava-se “A Igreja Romana à barra do Evangelho e da história na pessoa de seu Campeão o Bispo do Pará ou análise do Catecismo sobre a Igreja Católica de Dom Antonio Macedo Costa”. Não eram dois combatentes quaisquer: o protestante foi um dos quatro primeiros ministros formados no Brasil pelos presbiterianos, enquanto o bispo do Pará foi um dos prelados envolvidos diretamente na “Questão Religiosa”.

Uma das primeiras e mais importantes lideranças nacionais presbiterianas, o mineiro Eduardo Carlos Pereira, muito cedo ingressou nos debates religiosos. Dotado de iniciativa e espírito empreendedor, Pereira organizou em 1883 a Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos, que publicou pequenos opúsculos de evangelização, em sua maioria escritos por pastores brasileiros. O fato para nós importante é que a maior parte dos títulos diz respeito ao discurso anti-católico: “O culto dos santos e dos anjos”(1884), “Um brado de alarma” (1885), “A bem-aventurada Virgem Maria”(1887), “O único advogado dos pecadores”(1884).

Ernesto Luiz de Oliveira, outro pastor presbiteriano de destaque, entrou em contenda com o pároco de Campinas no ano de 1906, através do livreto Horas Eucharísticas¹⁹ discutindo a questão da fala de Jesus, “Isto é o meu corpo”, e a interpretação que se deve dar a essa assertiva. A iniciativa do debate, porém, tinha sido do “Mensageiro Parochial”, jornal de tiragem semanal da Igreja Católica em Campinas, que retratara ironicamente Lutero e Calvino a divergir do ensino de Jesus Cristo. Isso demonstra que a primeira estocada nem sempre era dos protestantes. Católicos também produziam abundante literatura de controvérsia, como o livreto O protestantismo- perguntas respeitadas ao Senhor Ministro da Igreja Protestante por um neófito da mesma igreja, publicado em Portugal, que indicava e respondia com um retumbante não as seguintes questões: 1) Posso eu tomar por norma da minha vida a vida dos Fundadores da nossa Reforma? 2) Os fundadores da nossa Santa Reforma foram verdadeiramente inspirados por Deus? 3) Existindo muitas religiões protestantes, são todas ellas igualmente boas, verdadeiras e divinas? 4) A Igreja Evangélica, à qual me filiares, será verdadeira, e poderei permanecer nella sem arriscar a minha eterna salvação? 5) Procederá conforme as leis do patriotismo aquelle que abandona o Catholicismo e abraça o Protestantismo?”²⁰

Famoso foi o padre belga Júlio Maria de Lombarde, que escreveu, por volta da década de 20, o livro Ataques protestantes, de fato um texto de ofensiva mais do que de defesa²¹. Aliás, os ataques sofridos eram sempre um

pretexto para um livro ou livreto mais virulento (embora sempre afirmando nas respectivas introduções o caráter “impessoal” dos textos). Esse é o caso do presbiteriano Guaraci Silveira, que no seu livro Evangelho, patologia e razão respondeu ao sacerdote católico P.M.V., afirmando tratar-se este último de “um muito estimado ministro da Igreja Romana, a quem, pessoalmente acatamos”, não mede palavras para demolir a doutrina da transubstanciação²².

Reforçando o que dissemos no primeiro capítulo, o estilo polêmico não era só de utilização no confronto catolicismo-protestantismo. O protestante Ernesto Luiz de Oliveira, já citado anteriormente, escreveu o texto Réplica da conferência “do Micróbio ao Homem”, onde rebatia as teses defendidas pelo conhecido cientista italiano Enrico Ferri, um dos mais influentes pensadores estrangeiros seguidos no Brasil²³. Da mesma época (primeira e segunda década do século XX) são as várias controvérsias internas no protestantismo brasileiro, muito bem resumidos por um dos polemistas, o professor e advogado protestante Romeu do Amaral Camargo. Este homem, em 1928, teve um livro publicado, na verdade uma compilação de artigos publicados em vários jornais seculares e religiosos da época, onde recusava o convite de dois importantes escritores para uma união de forças do cristianismo contra o espiritismo. Os literatos eram o prof Carlos de Laet, emite católico, e o Rev. Othoniel Motta, pastor presbiteriano e gramático. Ao entender que seria uma traição ao Evangelho a união de forças com o catolicismo, mesmo que para combater um inimigo comum (no caso, o espiritismo), Camargo lembra:

“O protestantismo assiste ainda à luta incessante entre os profrentes das suas numerosissimas seitas. Os presbyterianos, scindidos pela maçonaria, estadeiam uma fraternidade veladamente convencional; os baptistas, chumbados à teoria immersionista, combatem incessantemente a escola methodista e presbyteriana, fel ao aspergismo; os sabbatistas fulminam com o epitheto de “tradicionalistas idólatras” aos baptistas, methodistas e presbyterianos, por não observarem estes a guarda do sábbado; os presbyterianos, methodistas e baptistas não dão tréguas ao sabbatismo, que é o sadduceismo ressuscitado; os methodistas negam a doutrina da predestinação divina, ardentemente defendida pelos presbyterianos ou calvinistas; o episcopalismo é acremente censurado pelas demais seitas, porque não exige o rebaptismo daquelles que entram para o seu grêmio, vindos do catholicismo romano; os baptistas não poupam o pedobaptismo dos presbyterianos e methodistas. E vicejam no seio das corporações protestantes outras cizanias, cada qual revestida de seu aspecto biblico”²⁴.

O que Romeu A. Camargo queria mostrar é que não havia como cha-

nar para a mesma luta “seitas” tão convictas em suas posturas, inda mais para uma luta ao lado de católicos e judeus (porque também o convite do Prof. Laet os induía). Camargo, no entanto, aproveita para, com o seu livro, aprofundar um pouco mais as valas que separavam protestantes de católicos.

Dentre as polêmicas internas dos protestantes, damos destaque à três. Uma delas foi a que discutiu a utilização de cálices comuns ou individuais na Eucaristia, em pleno período das iniciativas federais de eliminar do Brasil doenças transmissíveis, como a malária. Um assunto de pequena monta como esse (a questão dos cálices) tomou grande vulto, especialmente por causa do que se escreveu em livros e em jornais. Polêmicas mais densas no conteúdo foram as relativas ao batismo e à guarda do sabbado. Para ilustrar, citamos o livreto de Alfredo Borges Teixeira, *Controvérsia Baptista*, de 1919, na verdade uma compilação de artigos de jornais, em defesa do batismo infantil e do aspersionismo (batismo com água lançado sobre a cabeça)²⁵, bem como o texto *A questão do sabbado*, do pastor presbiteriano Thomaz Pinheiro Guimarães, escrito “para ajudar os crentes na defesa do domingo contra as investidas dos sabbatistas”²⁶.

Em referência às polêmicas entre católicos e protestantes, o historiador Émile Léonard afirma que eram virulentas, mas de pouco conteúdo, pouco valor doutrinário²⁷. De fato, elas apenas refletiam a posição pessoal ou do grupo, sem contribuir para a melhoria do serviço prestado pelas igrejas respectivas. Isso poderia ser estendido à toda literatura polêmica. Ela é muito mais um instrumento de afirmação ideológica do que uma forma de sustentar convicções, uma vez que visavam a arrebancar novos seguidores ou manter os antigos. Inegavelmente, eram, também, um estilo de época, e daí sua utilização tão larga no período em questão. Catolicismo e protestantismo digladiavam-se buscando garantir o seu espaço no país. O primeiro, tentando manter a hegemonia. O segundo, buscando um espaço num país tradicionalmente cristão mas católico. A história do período sugere que ambos conseguiram atingir seus objetivos.

III. O “campeão do catolicismo” e os “baluartes do protestantismo”

Protestantes e católicos valeram-se longamente da literatura para seus confrontos religiosos. Boa parte desses escritos eram veiculados em jornais antes de se tornarem livros, e esse é um aspecto interessantíssimo desse enfrentamento: cristãos de ambos os lados trataram de fundar jornais locais, que alimentavam seus respectivos rebanhos. Entre os protestantes, os jornais nasciam como órgão oficial das diferentes confissões (A Imprensa Evangélica e O Estandarte, do presbiterianismo, o Jornal Batista e O Expositor Cristão dos metodistas). Com os católicos, os periódicos surgiam a partir das paróquias ou dioceses²⁸. Das páginas de tais jornais surgiram muitos dos campeões das controvérsias de ambas as partes, pessoas que se habituavam ao debate de idéias e iam refinando sua capacidade de argumentar a partir de colocações alheias (contrateses).

Não foi muito diferente o acontecido com o Padre Leonel Franca, sacerdote jesuíta nascido em São Gabriel, Rio Grande do Sul, no ano de 1893. O padre Franca tem sido reconhecido como um dos mais importantes nomes de ortodoxia católica no século XX no Brasil, num momento no qual o catolicismo ressurgiu mais forte. Aliás, o historiador Sérgio Miceli desfaz com correção o engano de muito estudiosos, no que se refere à situação do catolicismo brasileiro pós-1889. Embora o catolicismo tenha perdido sua condição de “Igreja Oficial”, Miceli vê um período de “construção institucional” da Igreja Católica na República Velha, de viabilização “como empreendimento religioso e como organização burocrática”²⁹. Isso se deveu à atuação de homens como Dom Sebastião Leme, arcebispo de Olinda, que em carta pastoral de 1916, assim se exprimia: “Somos uma maioria ineficiente. . . , uma grande força nacional; mas, uma força que não atua nem influi; uma força inerte”³⁰. Sob a liderança de clérigos como Leme, a Igreja Católica investiu seu discurso e trabalho na expansão das dioceses, num melhor preparo dos religiosos e na dinamização dos leigos. No caso destes últimos, criou-se no Brasil o movimento chamado Ação Católica (de inspiração francesa), organizou-se o Centro Dom Vital, a Liga Eleitoral Católica, entidades cujo objetivo era o de influenciar as decisões dos grupos sociais de pressão. Esse período, cujo ápice se localiza entre 1930 e 1935, tinha como base o pensamento de homens como Carlos de Laet, Jackson de Figueiredo e Alceu de Amoroso Lima. Os adversários do catolicismo eram duramente combatidos; em especial o comunismo (no campo político) e o protestantismo (no

campo religioso).

Leonel Franca foi, sem dúvida, o principal representante do clero católico que encarnou a missão proposta desde 1916 pelo Cardeal Leme, no sentido de implantar um novo catolicismo, adaptado às realidades brasileiras e às do mundo contemporâneo em nosso país. Encaminhado desde cedo para a vida religiosa, Franca ingressou na Companhia de Jesus em 1908. No ano de 1920 foi para Roma, onde desenvolveu estudos doutorais na Universidade Gregoriana. Homem de ciências e de letras, ao voltar para o Brasil dedicou-se à área educacional, tendo sido membro do Conselho Federal de Educação e primeiro reitor da PUC do Rio de Janeiro, da qual foi o fundador. Intelectual brilhante, erudito, o padre Franca possuía saúde muito precária, o que o levou muitas vezes à grandes períodos de repouso (problemas cardíaco-vasculares). Isso não o impediu de ser ativo como religioso, intelectual, educador, escritor e polemista. Sua morte, em 1948, no Rio de Janeiro, marca também o fim do período no qual o catolicismo brasileiro se fortaleceu na Brasil, especialmente entre a classe média.

Uma vez apresentado o padre Franca, e identificado o contexto de onde emerge, faremos a mesma coisa com os polemistas protestantes. O primeiro a ser citado é o Rev. Eduardo Carlos Pereira, mineiro de Caldas, nascido em 1855. Converteu-se ao presbiterianismo e, por influência de um missionário norte-americano, enveredou pelos caminhos do ministério cristão. Tornou-se, anos depois, pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo, que seria seu reduto até a morte. Gramático, escreveu duas obras, Gramática Expositiva e a Gramática Histórica, que por muitos anos seriam livros-textos para o estudo da língua portuguesa nas escolas brasileiras. Líder evangélico, participou de encontros internacionais, onde sempre fez clara sua posição anti-católica. Faleceu em São Paulo, no ano de 1923, reconhecido como um dos mais destacados protestantes brasileiros³¹.

A apresentação de Pereira sugere que enfoquemos seu contexto imediato, qual seja, o presbiterianismo da época. Não havia, em fins do século XIX e início do século XX, outra confissão protestante tão expressiva como a presbiteriana. Os batistas ainda se assentavam, e os pentecostais só iniciaram sua ofensiva religiosa nos primeiros anos da década de 10. O presbiterianismo, não. Já se espalhava por vários estados brasileiros, e sofrera uma dissidência significativa, capitaneada pelo próprio Eduardo Carlos Pereira: O surgimento da Igreja Presbiteriana Independente, em 1903. Missionários estrangeiros e pastores brasileiros marcavam presença na zona rural e nas grandes cidades. E, como não podia deixar de ser, sua pregação tentava alcançar os católicos, e convencê-los a abandonar sua religião para ingressar no protestantismo. Livros como o do presbiteriano David S. Schaff,

professor de História da Igreja nos EUA, eram textos básicos para pastores e leigos ilustrados. Nossa crença e a de nossos pais - confronto entre o protestantismo e o romanismo³², era o título do livro de Schaff, e esse texto, ao lado da introdução de Ruy Barbosa ao livro O papa e o Concílio³³, não faltavam na munção dos referidos estudiosos protestantes, já ao final da década de 20, no intuito de combater e desmoralizar o catolicismo.

Algo muito interessante estava ocorrendo entre os protestantes latino-americanos. Em 1916, na capital do Panamá, realizara-se o Congresso da Obra Cristã na América Latina. Tal encontro era um desdobramento da grande Conferência Mundial de Missões, realizada em Edimburgo, 1910, e que tinha chegado à conclusão, para desespero dos evangélicos mais conservadores, que a América Latina não podia ser considerada campo missionário, justamente por causa da presença do catolicismo. No Panamá a questão ficou dividida, e os brasileiros presentes estavam entre aqueles que julgavam o catolicismo um inimigo a ser combatido e os católicos um contingente a ser evangelizado³⁴.

Um dos presbiterianos mais devotados à polêmica anti-católica era o Rev. Ernesto Luiz de Oliveira. Nascido em 1875 na Lapa, Paraná, era homem de hábitos simples mas de grande rapidez de raciocínio. Matemático e engenheiro, chegou a ser secretário da Agricultura do Estado do Paraná. Em sua juventude, seu espírito indômito já a florava, ao participar das insurreições armadas contra o governo Floriano Peixoto. Aos 21 anos ingressou no seminário presbiteriano, de onde saiu formado em teologia. Ajudou Eduardo Carlos Pereira a fundar a igreja Presbiteriana Independente, em 1903. Polemizou pelos jornais e através de livros, com católicos, racionalistas e ateus. Em 1936 sofreu uma crise aguda de saúde, que interrompeu definitivamente seu trabalho religioso. Faleceu em 1938, da mesma próstata aruinada que o levava à crise dois anos antes. Deixou vários livros escritos, desde assuntos de religião até teses sobre a fertilidade do solo (era engenheiro agrônomo).

Othoniel Motta era talvez o mais erudito de todos os polemistas protestantes envolvidos nesse caso. Paulista de Porto Feliz, nascido no ano de 1878, O Rev. Othoniel Motta tornou-se notável filólogo e intelectual reconhecido. Por algum tempo, foi o diretor da Biblioteca Pública de São Paulo (hoje, Biblioteca "Mário de Andrade"). Seu texto, Lições de Português, como as gramáticas de Pereira, tornou-se livro indispensável nas escolas. Dotado de espírito tolerante, Motta foi pastor presbiteriano, companheiro de Eduardo Carlos Pereira na Igreja Presbiteriana Independente, e professor de seminário. Membro da Academia Paulista de Letras, escreveu vários livros e artigos de jornais, sendo articulista frequente do O Estado de São Paulo.

Em 1941, deixou a Igreja Presbiteriana Independente, perseguido por causa de suas idéias, taxadas de "liberais"³⁶. Faleceu em 1951, em São Paulo, aposentado como professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

O último nome a ser mencionado é o do Rev. Lisânias Cerqueira Leite. Este sorocabano, nascido em 1875, era filho do Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite, um dos primeiros pastores presbiterianos ordenados no Brasil. Estudou engenharia no Rio de Janeiro, chegando a ser alto funcionário da empresa administradora da Estrada de Ferro Central do Brasil. Em 1924 formou-se em teologia (Seminário Unido do Rio de Janeiro), sendo por vários anos pastor em serviço ativo junto à Igreja Presbiteriana do Brasil. Também formado em filosofia, tinha várias especializações na área da engenharia. Seu falecimento deu-se no ano de 1943.

Leonel Franca, de um lado. Quatro pastores presbiterianos, de outro. Um típico enfrentamento religioso na tradição dos confrontos catolicismo/protestantismo, com a marca da polêmica como estilo e sinal de um tempo.

I. Raízes Filosóficas

O pensamento de Tomás de Aquino, base da teologia e do pensamento católico no período medieval, ressurgiu no século XX com a reflexão de religiosos do calibre do Cardeal Mercier e de Jacques Maritain. A grande novidade no que se convencionou chamar de neotomismo, esposado pelo catolicismo brasileiro das primeiras décadas do século XX, é a valorização da cultura, ou ainda, encontrou espaço, "o sistema tomista, (...) para a ciência moderna" e para a atuação política³⁶.

O que se pode dizer, em desdobramento do parágrafo anterior, é que o catolicismo de Leonel Franca, Jackson de Figueiredo e Alceu Amoroso Lima era tradicional, mas tinha vocação para uma síntese como os tempos da modernidade. No caso do Padre Franca, isso fica absolutamente claro. Educador jesuíta, foi ele o responsável pela tradução da "Ratio Studiorum"³⁷, a base de todo o método pedagógico usado pela Companhia de Jesus em suas instituições de ensino (isso desde o século XVI). Na sua obra mais famosa, *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, Franca assegura "Para a philosophia cathólica, a razão é a mais excelente das faculdades humanas. Na ordem puramente natural é o pharol luminoso que orienta toda a nossa actividade. Na ordem sobrenatural, sem nada perder de sua dignidade nativa, ella se eleva e ennobrece, pondo ao serviço da revelação divina o melhor de suas luzes. À razão pertence conduzir o homem à fé. A philosophia incumbe a no-

bre missão de guiá-lo aos umbraes da theologia. As universidades são o vestibulo do templo. Entre a razão e afé, portanto, nenhuma contradição possível..."³⁸. O padre Pedro Maia, um dos biógrafos de Franca, lembra que este último, quando dava aulas de ciências físicas, exatas e biológicas (no Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro, onde lecionou, várias disciplinas dessas áreas), buscava atrair "as almas à Deus", por meio do apostolado da ciência³⁹. Essa forma de proceder indica claramente sua concepção tomista para a apreensão da realidade e de Deus. No seu livro *Noções de História da Filosofia*, de 1921, a segunda edição onde escreveu várias páginas sobre a filosofia no Brasil, na opinião de Paim e Rodríguez, "queria provar que a meditação nacional consistia num amontoado de desacertos, dos quais somente se salvaria aderindo à Escolástica"⁴⁰.

A erudição de Franca, seus esforços no sentido de dotar a Igreja Católica de uma universidade, seus livros, demonstraram sempre sua intenção de convencer a intelectualidade brasileira de pertinência, lógica e consistência da fé católica.

O protestantismo brasileiro jamais conseguiu esconder sua base filosófica racionalista, herdeiro que é do protestantismo europeu e norte-americano. Isso se fortaleceu mais entre o chamado protestantismo de corte conservador, apegado às interpretações literais da Bíblia e às certezas religiosas com base no texto bíblico. Embora condenasse o racionalismo teológico que negava o mistério, o protestantismo brasileiro era racionalista em sua epistemologia.

A admiração de Eduardo Carlos Pereira pelo individualismo saxão reforça essa compreensão: "O individualismo saxão gera homens fortes, enérgicos, autônomos que encontram na suficiência própria poderosos elementos de independência individual"⁴¹. O próprio Leonel Franca diagnosticou essas ligações. Afirmou ele que os protestantes seguiram Kant, Schleiermacher e Hegel, pois "em lugar do dogma, substituíram, como arbitro supremo das convicções religiosas, a razão (Vernunft, de Kant), o sentimento (Gefühl, de Schleiermacher) e a idéia (Begriff, de Hegel)"⁴².

Os protestantes brasileiros do princípio do século não caminharam tanto pelo sentimento. Valorizaram a razão como chave para o conhecimento religioso, e sua epistemologia foi kantiana, embora nem sempre reconhecessem isso.

2. Bases teológicas

O pensamento teológico protestante das confissões que se instalaram no Brasil sempre representou a vertente conservadora, salvo raras

excessões⁴³. Como já vimos, a teologia dos missionários que vieram no século XIX, teologia essa absorvida pelos pastores brasileiros, era fortemente racionalista, em oposição a uma corrente de pensamento teológico em voga na Europa e nos Estados Unidos da América, que se chamou "liberalismo". Este último, baseava-se na crítica textual e literária da Bíblia, e na valorização da experiência subjetiva em detrimento do dogma e da doutrina. Estudiosos como Harnack, Schleiermacher, Bauer, incluíam-se entre os teólogos desse matiz. Os conservadores condenavam o liberalismo, tachando-o de anti-bíblico e herético. Como reação ao liberalismo surgiu o fundamentalismo teológico. Embora os missionários não fossem fundamentalistas, eram bem conservadores em teologia e, em consequência, críticos dos "liberais". Entre os presbiterianos, por exemplo, foi adotada como base doutrinal a "Confissão de Fé de Westminster", elaborada na Inglaterra no século XVII. Os presbiterianos brasileiros sempre tiveram a Confissão de Westminster como quase intocável, e isso é uma evidência de suas posturas teológicas bastante ortodoxas. Daí, a chamar tudo o que se opunha a isso de "heresia", sempre foi um passo muito pequeno, e não estranha que o catolicismo sempre tenha sido um dos alvos preferidos.

O catolicismo, assentado sobre sua base tomista, procurava reestruturar sua teologia, não no que respeita ao conteúdo, mas à conciliação dessa teologia com as novas ideologias e a ciência moderna. O Concílio Vaticano I, de 1870, reafirmara a ortodoxia da Igreja. Ademais, em 1879, Leão XIII divulgara sua encíclica "Aeterni Patris", sustentando o tomismo como base da teologia católica. Rubem Alves ainda sobre isso, diz "E, ao mesmo tempo organizou uma Comissão Bíblica que tinha por finalidade controlar a exegese católica, desafiada pela crítica (bíblica), a fim de que não ultrapassasse os limites convenientes"⁴². Como resultado, só a partir da década de 30 do século XX é que a situação começou a se flexibilizar, senão na teologia, na forma como se apresenta o catolicismo diante do mundo moderno.

A Igreja Católica, no Brasil, na época do Padre Franca e da polêmica deste com os protestantes, está extremamente afinada com Roma. Sua posição teológica, portanto, deixa extravazar essa postura: uma Igreja que busca ser culta em sua reflexão, mas dentro dos comportados e bem definidos limites dos dogmas.

3. O desdobramento do confronto

O Rev. Eduardo Carlos Pereira havia voltado do Congresso do Panamá, 1916, entusiasmado, por um lado, e contrariado, por outro. Se as idéias

pertinentes à cooperação entre as diversas confissões protestantes, uma das ênfases daquela conferência, falou alto aos ideais do líder presbiteriano, o mesmo não se pode dizer em relação à análise do catolicismo. O congresso não fora agressivo, contrariando o desejo de Pereira, que até mesmo preparara um documento sobre o tema. Ao voltar para o Brasil, apresentou tal assunto ao Congresso Regional realizado no Rio de Janeiro⁴⁵, na forma de um relatório verbal. O Congresso aprovou um documento mais forte sobre o catolicismo.

Desde então, Pereira deliberou por no papel suas idéias. O resultado foi a publicação, em 1920, da obra *O problema religioso da América Latina, com o sub-título: estudo dogmático-histórico*⁴⁶. O livro fez grande sucesso entre os protestantes, envolvidos no clima de polêmica da época. Nas 442 páginas do texto, o autor procurou defender a tese de que a responsabilidade do atraso econômico, social e político da América Latina, recaía em grande medida sobre o catolicismo. A tese de Pereira não era nova. Ele mesmo o declarou que tomava-a do estudioso belga Emílio de Laveleye, em seu livro *Do futuro dos povos católicos*⁴⁷. A partir daí, Pereira analisa o desenvolvimento do catolicismo, compara-o com o protestantismo e, obviamente, conclui que o lido representante do cristianismo no mundo seria o movimento reformado do século XVI e suas confissões derivadas. Embora na introdução tenha tentado se manter na discussão sem desrespeitar os adversários, o fato é que o texto é duro em suas críticas. A frase com que o autor conclui, "FORA DE ROMA, DENTRO DO CRISTIANISMO"⁴⁸, bem resume a contundência e o exclusivismo da obra.

Seria esperar muito que o livro de Pereira ficasse sem resposta. A mesma só chegou a ser publicada, porém, após a morte de Pereira, que se deu no ano de 1923. Aos 68 anos, adoentado, depois de uma viagem a Europa, o Rev. Eduardo Carlos Pereira faleceu em São Paulo, sendo enterrado no Cemitério Protestante, contíguo ao Cemitério da Consolação.

O jovem e erudito Leonel Franca, no mesmo ano de publicação do livro de Pereira, dirigiu-se para mais um período de estudos em Roma, na Universidade Gregoriana. Seu projeto era concluir seus estudos de teologia, visando sua ordenação sacerdotal. Segundo sua própria narrativa, numa leitura que fazia de um dos números da *Revista de Língua Portuguesa*, encontrou uma resenha sobre o livro de Pereira. Franca mandou que lhe enviassem o livro. Ao tomar conhecimento direto do conteúdo, resolveu responder ao pastor, como "lazer" entre os seus estudos na Gregoriana. O resultado foi um alentadíssimo volume, de quase 550 páginas, com o título: *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, e o sub-título: *com observações críticas à origem d'O Problema Religioso de América Latina do Sr. Eduardo Carlos*

Pereira⁴⁹. O livro respondia às colocações de Pereira em estilo eloquente e culto, com todo aparato crítico de quem tinha se aprofundado nas fontes e nos originais dos autores e escritores citados. Na introdução do livro, Franca afirma que esperava encontrar no livro do pastor uma obra de peso, mas que se deparara com “uma obra de fancaria”⁵⁰. Os protestantes sempre contestaram essa ironia de Franca, afirmando que ninguém gastaria quase 600 páginas para responder à uma “obra de fancaria”. O “veneno” protestante ia mais além: corria entre eles a versão de que Franca teria sido mandado para a Europa exatamente para responder ao livro de Pereira, e isso porque somente com toda a Biblioteca do Vaticano à mão se poderia tentar uma refutação à obra⁵¹. Franca sempre negou essa versão protestante.

Voltemos ao conteúdo do livro. A tese que Leonel Franca sustenta é exatamente antípoda à tese de Eduardo Carlos Pereira. A única Igreja cristã verdadeira é a católica romana. As confissões protestantes são “seitas”⁵² que tentam cooptar um povo de tradição e história católicas. A salvação do Brasil está em professar mais fielmente o catolicismo. Quanto à Pereira, Franca crítica o seu livro como impreciso, injusto e desleal. No correr das páginas, são levantadas as falhas das teses de Pereira, bem como seus “escorregões” teológicos e históricos. O menosprezo ao protestante é uma tônica do livro de Franca.

A obra de Franca foi extremamente bem recebida no meio católico, e vista como irrefutável. A morte de Pereira, antes da publicação do livro de Franca, ajudou a projetar a impressão de que Franca triunfara. Ademais, a defesa de Pereira manifestou-se tímida e contida, na palavra de alguns pastores em jornais confessionais. Assustava-Ihes a farta documentação usada pelo padre.

O ano de 1930 foi o momento de ressurgimento do debate, pela pena do protestante Ernesto Luiz de Oliveira. Este último estava afastado do pastorado, atuando na política em seu Estado (Paraná), mas nem por isso à parte dos conflitos religiosos. Aliás, Oliveira foi talvez o mais combativo pastor desse período, conforme indica a própria tabela do Apêndice II deste trabalho. Assim referiu-se a ele um outro pastor: “Era, porém, a controvérsia o seu gênero favorito, de acordo com a índole combativa”⁵³. Assim, Ernesto Luiz de Oliveira escreveu e fez publicar *Roma; a Igreja e o Anti-cristo*⁵⁴, com o seguinte sub-título: *réplica ao livro “A Igreja, a Reforma e a civilização”, do Revmo. Leonel Franca, S.J. Embaixo do seu nome, como estava afastado do pastorado, fez constar: “da Faculdade de Engenharia do Paraná”, onde era professor. Em mais de 350 páginas, o pastor procurava defender a tese de Pereira e seu livro, bem como refutar o Padre Franca. É interessante que Oliveira reconhece as limitações da obra de Pereira, especialmente no*

bre a distância das fontes. Endossa, porém, suas teses anti-católicas, acrescentando um dado: a invasão de clérigos estrangeiros oriundos de países latinos estaria contribuindo para manter o Brasil no atraso social⁵⁵. O engenheiro e matemático Ernesto Luiz de Oliveira não se envergonha em identificar o protestantismo ao pensamento dos cientistas Newton, Kepler e ao do filósofo Leibnitz⁵⁶, pois, para ele, essa é a razão do progresso dos países protestantes: foram esses últimos que incentivaram, segundo ele, o debate e os estudos científicos, sem tolhê-los por força de algum dogma religioso.

A tese de Oliveira teve o condão de despertar os protestantes, que cantaram seu livro em prosa e verso, como fizeram os católicos com a obra do Padre Franca. A receptividade foi tão grande que o pastor voltou, em 1934, ao labor eclesial. Parecia agora que eram os católicos que não tinham respostas às colocações de Oliveira. As desconfianças protestantes de que aos padres faltava melhor conhecimento da exegese bíblica, e por isso lhes seria inerente a dificuldade de debater quando o assunto pendia para esse lado, tendiam a cristalizar-se⁵⁷. Foi preciso que Franca entrasse outra vez em cena, agora para rebater Oliveira, com *Catolicismo e Protestantismo-tréplica à “Roma a Igreja e o Anti-Cristo”*⁵⁸, de 1931. Além de professor no Colégio Santo Inácio, Franca desenvolveu entre 1929 e 1935 um intenso trabalho como assessor de leigos, especialmente junto ao Centro Dom Vital, à Sociedade Jurídica Santo Ivo e à Ação Universitária Católica⁵⁹. É provável que esse intenso labor junto aos leigos, e o fato de ser ele um defensor público e notório do catolicismo, acabaram por levar o Padre Franca a mais uma intervenção na polêmica com os protestantes. Seu estilo culto convocou para rebatê-lo uma das mentes mais privilegiadas do protestantismo brasileiro: o Rev. Othoniel Motta. Se Oliveira era polemista por índole, Motta era irônico por natureza. Pastor, filólogo, escritor, era um cultor e incentivador das letras. Um dos fundadores, na década de 20, da *Revista de Cultura Religiosa*⁶⁰, era um lutador por evitar que os protestantes barateassem o seu discurso com argumentos frágeis e ilegítimos⁶¹, e talvez seja a razão que o levou a ingressar na polêmica. Motta sabia que seu discurso seria reconhecido como “cientificamente aceitável”, o que chamaríamos hoje de “politicamente correto”. Assim, em 1933, sob o pseudônimo de Frederico Hansen⁶², publica o primeiro de seus opúsculos da polêmica, Lutero e o Padre Leonel Franca⁶³. Seu objetivo explícito era defender a figura de Lutero das acusações que lhe fizera o Padre Franca, em seu livro do ano anterior. Diz Motta: “Mas o protestantismo brasileiro guardou silêncio - coisa estranha e deixou o grande reformador coberto com lama que a penita lhe atirara(. . .) A mim me acode uma explicação: - o Padre Leonel Franca está citando documentos inteiramente desconhecidos em nosso

meio⁶⁴. Como Motta era homem informado e lido, embora não tivesse possibilidade de visitar os centros europeus e norte-americanos, julgou-se em condições de responder, pois também ele conhecia a documentação recente usada por Leonel Franca.

No mesmo ano, o padre respondeu ao pastor. Vivia o jesuíta talvez o seu momento mais combativo, de forma que pôde elaborar rapidamente o seu novo texto: *Lutero e o Sr. Frederico Hansen*⁶⁵, onde mantém os seus argumentos, batendo forte no adversário protestante, numa técnica de desmoralização do contendor. Nesse sentido, Franca não deixa alternativa para o pacífico Motta. Este é levado a escrever, ainda no mesmo ano, mais três opúsculos relacionados à polêmica com o padre: *Lutero, a Bíblia e o Padre Leonel Franca e O papado e o Padre Leonel Franca*⁶⁶. Os temas sempre são os mesmos, os argumentos, idem. As ironias são a marca registrada do debate: "Ir às fontes no Brasil (...) é milagre, que só foi dado a um"⁶⁷...

Franca, temporariamente, não pode responder a Motta. Sua saúde, sempre precária, piora bastante em 34. Crises cardíacas levam-no a diminuir seu ritmo de trabalho, e a polêmica é deixada de lado. Ademais, compromissos educacionais levam muito do seu tempo. É nesse período, em 1936, que vem à campo um novo debatedor, presbiteriano como os outros protestantes, e matemático como Oliveira: Lisâneas de Cerqueira Leite. Seu trabalho, *Protestantismo e Romanismo*⁶⁸, apresenta-se como uma resposta ao livro de Franca publicado em 1922. Aparentemente, Cerqueira Leite não se contentou com as respostas de Ernesto Luiz de Oliveira e Othoniel Motta - dá o seguinte sub-título ao seu livro: *Resposta ao pé da letra, à obra de Leonel Franca S.J. - "A Igreja, a Reforma e a Civilização"*. O projeto de Cerqueira Leite era responder em vários volumes, e daí o livro de 1936 ser uma resposta às 22 primeiras páginas(!) de Franca. Cerqueira Leite é contundente na maneira como se refere ao padre: "tipo vulgar de apologista", "estilista... e nada mais!", "gato ruivo", "gigante da polêmica ultramontana do Brasil"⁶⁹. Sua análise é bíblico-histórica, não entrando nas discussões sociais. É como se Cerqueira Leite quisesse demonstrar que o tempo não havia passado, e que o trato com o catolicismo devia se dar como nos tempos de seu pai, um dos primeiros pastores brasileiros. O estilo devia ser a troca de "chumbo quente", sem preocupações de natureza ética.

No ano seguinte, Franca retorna à polêmica, com o livro *O Protestantismo no Brasil*⁷⁰. Foi seu canto de cisne no confronto. Em nossa opinião, é um texto de valor superior à sua obra tão decantada de 1932. Em que pese o tom forte e os argumentos de sempre, Franca demonstrou que conhecia o protestantismo brasileiro e suas idiosincrasias⁷¹. Reconhece, porém, o valor de contendores como Othoniel Motta⁷², e até convida os "irmãos

separados" a uma postura mais serena de parte a parte⁷³. É como se o padre quisesse, pela menos de sua parte, por um ponto final na controvérsia. Estaria o padre cansado de esgrimir? Os contendores protestantes, embora criticáveis, pareciam não ter fim. Por outro lado, dentre as fileiras católicas não se levantavam apologistas com tanta facilidade.

Outras circunstâncias foram ajudando a por um fim à polêmica. Depois de um longo período de doença, a morte levou Ernesto Luiz de Oliveira. Conta-se que, no hospital, Oliveira chegou a concluir uma resposta ao Padre Franca, que teria se extraviado⁷⁴. De qualquer maneira, a saída de cena de Oliveira, em 1938, e mais a retirada de Othoniel Motta do cenário presbiteriano (o pastor deixou a Igreja Presbiteriana Independente em 1941, por achá-la muito conservadora), desarticularam o movimento de respostas "ao pé da letra", inaugurando em 1922 com o livro de Franca. O mais tardio dos polemistas, Lisâneas Cerqueira Leite, ainda escreveria mais dois volumes de *Protestantismo e Romanismo*⁷⁵ (1938 e 1942), bem como faria publicar uma espécie de sùmula do seu trabalho, *A Igreja, o papado e a Reforma*⁷⁶ (1941). Um quarto volume de *Protestantismo e Romanismo* já estava sendo escrito, quando veio a falecer o polemista protestante, isso em 1943.

A década de 40 foi de alterações no seio do catolicismo brasileiro. O clero passou a revelar intenções mais pacíficas, mais dialogais com relação ao protestantismo. Franca, por outro lado, trabalhou a todo vapor pela organização e reconhecimento da Universidade Católica. Esse foi seu principal objetivo, atingido em 1946. Em 48, a morte o colheria. Não havia mais tempo e sentido para a polêmica. Ela havia se tornado anacrônica e, em meio a tantas coisas a fazer, não prioritária. Afinal, o projeto de fortalecimento do catolicismo havia se concretizado, junto ao governo e ao povo.

Conclusão

O protestantismo estava mudando, como o catolicismo. Desde a instalação da Confederação Evangélica do Brasil, em 1934, um sonho de dois líderes ecumênicos brasileiros, os presbiterianos Erasmo Braga e Epaminondas Melo Amaral, as posturas foram se flexibilizando em relação ao próprio catolicismo. O outro aspecto foi a evidente consolidação do protestantismo brasileiro. Já não era tão importante confrontar o catolicismo para crescer e aparecer. A polêmica mais importante dentro das relações protestantismo/catolicismo no Brasil, caminhou em boa parte de sua duração ao lado de esforços no sentido de mudar esse panorama tão áspero. O 5º Congresso Evangélico do Brasil, reunido em São Paulo em dezembro de 1936, procurava tratar da questão ecumênica. Em *Apreciação e Diretrizes*, o livro que resultou daquele encontro, Epaminondas do Amaral sustenta: "Ninguém poderá negar à polêmica o lugar que lhe compete, na propaganda e na defesa de princípios e ideais, sejam religiosos ou não; não é justo deixar de reconhecer, conseqüentemente, que há fases especiais da vida das coletividades que reclamam esse método. Daí, não é possível a generalização, cheia de perigos, em que têm caído muitos grupos religiosos e muitos países-a que leva a sustentar, continuamente, como norma de vida, como linha regular e orientadora, o uso da propaganda em termos de franco, proeminente, e quase absorvente, combate direto e destrutivo às idéias adversas. Mantido o lugar oportuno para essa atitude, é necessário, declarar, com franqueza, que a feição do Cristianismo que as Igrejas reformadas não devem descuidar é a positiva. Precisamos construir. Já é tempo de não mais darmos a impressão de que surgimos e só temos razão de viver com o objetivo negativista de combater e demolir. Reparando brechas, ou demolindo partes deformantes do edifício, nossa missão é construir, é aperfeiçoar. O congresso parece ter sustentado a posição mais sábia"⁷⁷.

O pensamento religioso, como todo o pensamento humano, também muda. Muda lentamente, conserva muito da fórmula anterior, mas se renova, vai se transformando. Se a polêmica não desapareceu de todo, foi se sublimando a ponto de permitir a aproximação que hoje se vê no diálogo inter-religioso. Pode-se dizer que, em certos círculos, católicos e protestantes lêem os teólogos sem perguntar a que confissão pertencem, e bebem da mesma filosofia da libertação. Isso, porém, ainda é novo, e acontece ao mesmo tempo em que, em regiões interioranas, católicos e protestantes ainda são inimigos figadais. E dentro dessa complexidade que a polêmica aqui pode servir de breve referência para a análise do pensamento religioso brasileiro, e seus reflexos na vida das igrejas cristãs em nosso país.

Outras polêmicas religiosas da mesma época, envolvendo os mesmos polemistas, através de livros que foram publicados

- Eduardo Carlos Pereira → *O protestantismo é uma nulidade* - Polêmica com o Monsenhor Nascimento Castro; (1896)
- Ernesto Luiz de Oliveira → *Breves reparos às confêrencias católicas do Revmo Mar. Manoel Vicente*; (1903)
- Ernesto Luiz de Oliveira → *Vindicação da fé evangélica perante a Bíblia* - Refutação ao opúsculo "A Igreja Católica e o Protestantismo", do Bispo de Campinas; (1904)
- Ernesto Luiz de Oliveira → *Horas Eucarísticas* - Polêmica sobre a Ceia do Senhor, suscitada por matéria do jornal "O Mensageiro Parochial", de Campinas; (1906)
- Ernesto Luiz de Oliveira → *Do micróbio ao homem* - Refutação ao cientista materialista e evolucionista italiano, Enrico Ferri; (1909)
- Ernesto Luiz de Oliveira → *São Pedro ou São Rocha?* - Polêmica com o Rev. Othoniel Motta sobre a tradução que esse último fez do Evangelho de Mateus, especialmente Mt. 16:18; (1933)
- Frederico Hansen → *A divinização do papa* - Discussão motivada a partir de textos de revistas católicas francesas; (1934)
- Ernesto Luiz de Oliveira → *Moinhos de Vento* - Réplica a uma crítica feita aos seus estudos sobre o Apocalipse; (193?)
- Ernesto Luiz de Oliveira → *A Igreja Romana, sem Bíblia e sem tradição*; (193?)
- Ernesto Luiz de Oliveira → *As penas futuras são eternas ou não?* - Escrito do hospital, no contexto do debate presbiteriano que convencionou-se chamar de "Questão Doutrinária"; (193?)
- Leonel Franca → *Polêmicas* - 480 páginas de debate religioso (livro póstumo). (1952)

NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ Com tal afirmativa concorda um "expert" no assunto, o Dr. Antonio Gouvêa MENDONÇA, em seu livro *O Celeste Porvir- a inserção do protestantismo no Brasil*, São Paulo, Paulinas, 1984, p. 80.
- ² É a partir do ano de 1903 que as igrejas protestantes brasileiras passam a se desligar das missões norte americanas.
- ³ Eventos como o surgimento da Ação Católica são exemplos dos esforços feitos, no sentido desarticular o catolicismo no Brasil, colocando-o outra vez em condições de influenciar decisivamente os rumos do país.
- ⁴ Cidmar Teodoro PAIS, *Semiótica, uma ciência em construção*, in *Anais do 2- Colóquio de Semiótica*, Rio/ São Paulo, PUC/ Loyola, 1983, p.47.
- ⁵ Helena H. Naganine BRANDÃO, *Introdução à análise do discurso*. Campinas, Ed. da UNICAIV□, 1993, p.12.
- ⁶ Faz-se uma diferença, em semiótica, entre significante e significado. Segundo Roland BARTHES, ambos compõem o signo. O significante é o plano da expressão, enquanto o significado é o plano do conteúdo (*Elementos de semiologia*, São Paulo, Cultrix, 1992, passim).
- ⁷ *Elementos de análise do discurso*, São Paulo, Contexto/ Edusp, 1992, p.18.
- ⁸ *Idem*, p.19.
- ⁹ *Idem*, p.62
- ¹⁰ Monsenhor CRISTIANI, *Nossas razões de crer*, São Paulo, Flamboyant, 1959, p.19.
- ¹¹ Hodge dedicou capítulos de seu livro a esses assuntos: *Systematic Theology*, New York, Charles Scribner's sons, 1871, pp. 34-190.
- ¹² *Systematic Theology*, Philadelphia, the Griffith and Rowland Press, 1907, pp. 26-34.
- ¹³ Cf Samuel G. CRAIG, in B. WARFIELD, *Biblical and theological studies*, Grand Rapids, Baker, 1968, p. xviii.
- ¹⁴ *Diccionario de controversia*, Buenos Aires, Junta Bautista de Publicaciones, s.d.

- ¹⁵ Um exemplo é L. de SANCTIS e E. G. MORENO, *Compêndio de controvérsia entre a Palavra de Deus e a theologia romana*, São Paulo, Methodista, s.d.
- ¹⁶ As editoras católicas AGIR e Vozes, com sede respectivamente no Rio e em Petrópolis, foram, durante muitos anos, canais de defesa do catolicismo.
- ¹⁷ MENDONÇA, op. cit., p. 79.
- ¹⁸ Idem, nota de rodapé, p. 80.
- ¹⁹ *Horas eucarísticas- ensaio crítico e histórico*, Campinas, Typographia Livro Azul, 1906. O conteúdo desse livreto seria incluído posteriormente na obra mais famosa do autor, *Roma, a Igreja e o Anti-Cristo*.
- ²⁰ porto, Typographia Fonseca, 1925, p.6. Tal livreto não traz o autor, como acontecia com muitos escritos da época que versavam sobre o assunto, e que escondiam-se no anonimato.
- ²¹ Cf Émile G. LÉONARD, *O protestantismo brasileiro*, São Paulo, ASTE, 1963, p.214.
- ²² *Evangelho patrologia e razão- resposta ao opúsculo "Jesus Christo na Eucharistia"*, São Paulo, methodista, s.d.
- ²³ A socióloga Lilia M. SCHWARCZ trabalha com extrema competência o assunto referente à influência de cientistas como E. Ferri na Escola do Recife (*O espetáculo das raças*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993).
- ²⁴ *O protestantismo e o espiritismo à luz do evangelho*, São Paulo, Irmãos Ferraz, 1928, pp. 16-17.
- ²⁵ *Controvérsia baptista*, Campinas, Typographia Genoud, 1919.
- ²⁶ *A questão do sabbado*, São Paulo, Typographia Piratininga, 1922, p. 5.
- ²⁷ LÉONARD, op. cit., p.214.
- ²⁸ Cf Sérgio MICELI, *A elite eclesiástica brasileira*, Rio, Bertrand, 1988, p.146.
- ²⁹ Idem, pp.152- I 53.
- ³⁰ Oscar de F. LUSTOSA, *Presencia de la Iglesia en la sociedad brasilena*, in Quintin ALDEA e Eduardo CÁRDENAS, *Manual de Historia de la Iglesia*, Barcelona, Herder, 1987, tomo X, p.1320.

- ³¹ Escrevemos algumas notas biográficas sobre E. C. Pereira: Éber F. Silveira LIMA, *Reverendo Eduardo Carlos Pereira - Notas históricas e teológicas*, in *Boletim Teológico da Fraternidade Teológica Latino-Americana*, São Leopoldo, ano 3 (abril de 1989), n 8, pp.61-84.
- ³² São Paulo, Methodista, 1964.
- ³³ JANUS, *O papa e o concílio*, São Paulo, Saraiva, 1930.
- ³⁴ Dos três brasileiros presentes, Álvaro Reis, Eduardo Carlos Pereira e Erasmo Bra a os dois primeiros sustentavam claramente as teses do anti-catolicismo. Já Braga, não concordava com o radicalismo da idéia, por estar vivamente influenciado pelas teses pró-católicas do Congresso Evangélico de Edimburgo (1910).
- ³⁵ O uso dessa expressão entre os protestantes nada tem a ver com sua utilização no jargão da economia ou da política. O liberalismo foi um movimento teológico da segunda metade do século XIX, desenvolvido na Europa e nos EUA, que caracterizou-se por uma postura bastante crítica em relação à Bíblia, e por um forte tom racionalista. No Brasil, o termo sempre serviu para classificar aqueles que se aproximavam de teses distantes da ortodoxia eclesiástica.
- ³⁶ Antonio PAIM, *O estudo do pensamento filosófico brasileiro*, São Paulo, Convívio, 1985, p.122
- ³⁷ *O método pedagógico dos jesuítas*, Rio, AGIR, 1952.
- ³⁸ *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, Rio, Civilização Brasileira, 1934, pp.395-396.
- ³⁹ *Pe. Leonel Franca*, São Paulo, Saraiva, t 930.
- ⁴⁰ Antonio PAIM e Ricardo Velez RODRIGUEZ, *O modelo de pesquisa da filosofia brasileira*, in *Anais do 1 Encontro Nacional de Professores e Pesquisadores da Filosofia Brasileira*, Londrina, CEFIL/LTEL, 1989, p.145.
- ⁴¹ *O problema religioso da América Latina* São Paulo, Empresa Editora Brasileira, 1920, p.150.
- ⁴² FRANCA, op.cit., p.285.
- ⁴³ Os luteranos, presentes no Brasil desde 1824, quando para o nosso país vieram os primeiros imigrantes alemães, foram sempre tradicionalistas em termos de cultura e liturgia, mas seus pastores mantinham-se em sintonia com os estudos teológicos avançados na Europa.

- ⁴⁴ In *O catolicismo romano - um simpósio protestante*, São Paulo, ASTE,1962, p.163.
- ⁴⁵ Cf narração do próprio autor, *O problema religioso da América Latina*, pp.179-201, passim.
- ⁴⁶ Embora tenha esse sub-título, o livro faz colocações de caráter antropológico e sociológico, na linha das temáticas em uso na época.
- ⁴⁷ *Do futuro dos povos católicos- estudo de economia social*, Rio, s.ed.,1945.
- ⁴⁸ PEREIRA, op.cit., p.442.
- ⁴⁹ É interessante notar a prática de sub-títulos explicativos longos, bastante corrente naqueles dias.
- ⁵⁰ FRANCA, op.cit., p.vi.
- ⁵¹ A giblioteca do Vaticano conta com “ 150 mil manuscritos, cerca de 2 milhões de livros, 100 mil desenhos e gravuras “, abrigando “a maior parte dos livros raros do mundo”. A Biblioteca “tem cerca de 500 anos” (informações colhidas em Sonia ROMÉRIO, Livros do Vaticano vão para o computador, in Folha de São Paulo, 20.04.1994).
- ⁵² FRANCA, op.cit., p.272.
- ⁵³ Vicente Themudo LESSA, Ernesto de Oliveira, in *O Estandarte*, 21.11.1938, p.2.
- ⁵⁴ *Roma, a Igreja e o Anti-Cristo*, São Paulo, Presbiteriana,1960.
- ⁵⁵ Idem, p.358.
- ⁵⁶ Idem, p.320.
- ⁵⁷ Essa é a idéia que externa Othoniel Motta: “A nossa felicidade, nesses annos passados, de controvérsia com o romanismo, tem sido a ignorância do clero catholico brasileiro em materia de exegese bíblica, o seu acabado desconhecimento das línguas originaes em que a Bíblia foi escripta “(*Revista de Cultura Religiosa*, São paulo,1923, p.52).
- ⁵⁸ *Catolicismo e Protestantismo*, Rio, AGIR,1951.
- ⁵⁹ Cf. MAIA, op.cit.,p.31.

- ⁶⁰ *A Revista de Cultura Religiosa*, aqui já citada, era um periódico de erudição protestante, a primeira no gênero no Brasil entre os evangélicos.
- ⁶¹ No mesmo artigo de Motta na *Revista de Cultura Religiosa*, já citado acima, o filólogo adverte para o uso de textos bíblicos de maneira indevida e apoiados em exegese errônea, casos de João 5:39 e Apocalipse 1:3 (pp.52-53).
- ⁶² Era bastante comum entre os protestantes, o uso de pseudônimos quando escreviam para jornais ou ainda, publicavam livros. Exemplos: “Lauresto”(Nicolau Soares do conto), “Thomé de Lussa” (Vicente Themudo Lessa).
- ⁶³ *Lutero e o Padre Leonel Franca*, São Paulo, s.ed.,1933.
- ⁶⁴ Idem, p.4.
- ⁶⁵ *Lutero e o Sr. Frederico Hansen*, Rio, AGIR,1952.
- ⁶⁶ Todos eles não trazem a editora responsável pela publicação.
- ⁶⁷ *A defesa do Padre Leonel Franca*, p. 5.
- ⁶⁸ *Protestantismo e Romanismo*, Rio, Bedeschi,1936,1 vol.
- ⁶⁹ Idem, pp. xvii, xx,12,123, respectivamente.
- ⁷⁰ Rio, AGIR, 1952.
- ⁷¹ Idem, pp. 137-138.
- ⁷² Idem, pp.15.
- ⁷³ Idem, pp.279-283.
- ⁷⁴ Lessa, op.cit., p.3
- ⁷⁵ Pela mesma editora do Rio, a Bedeschi.
- ⁷⁶ Rio, Bedeschi,1941, ao qual se referiu como “Volume à margem da série *Protestantismo e Romanismo*”.
- ⁷⁷ Epaminondas Melo do A.MARAL, Um marco, in *Apreciação e diretrizes*. Rio, Centro Brasileiro de Publicidade,1937, p.15.

BIBLIOGRAFIA CITADA E/OU CONSULTADA

1. Obras produzidas pelos polemistas:

FRANCA, Leonel. *A Igreja, a Reforma e a civilização.* 4 ed. Rio: Civilização Brasileira, 1934. 546p.
Catolicismo e protestantismo. 2 ed. Rio: AGIR, 1952. 314p.
Lutero e o Srn. Frederico Hansen. 3 ed. Rio: AGIR, 1952 (em conjunto com O protestantismo no Brasil)
O método pedagógico dos jesuitas. Rio: Agir, 1952. 236p.
O protestantismo no Brasil. 3 ed Rio: Agir, 1952. 335p.

HANSEN, Frederico. *Lutero e o Padre Leonel Franca.* São Paulo: s. ed., 1933. 20p.
Lutero, a Bíblia e o Padre Leonel Franca. São Paulo: s. ed., 1933. 38p.
A defesa do Padre Leonel Franca. São Paulo: s. ed., 1933. 23p.
O Papado e o Padre Leonel Franca. São Paulo: s. ed, 1933. 63p.
A divinização do Papa. São Paulo: s. ed, 1934. I Sp.

CERQUEIRA LEITE, Lisânias de. *A Igreja, o Papado e a Reforma.* Rio: Bedeschi, 1941. 90p.
Protestantismo e Romanismo. Rio: Bedeschi, 1936. vol. I, 153p. (vol. II, 1938; vol. III, 1942, 268p.).

OLIVEIRA, Ernesto Luiz de. *Horas eucarísticas.* Campinas: Typographia Livro Azul, 1906. 146p.
Réplica à Conferência "Do micróbio ao homem". São Paulo : Irmãos Ferraz, 1928. 82p.
Roma, a Igreja e o Anticristo. 2ª ed. São Paulo: Presbiteriana, 1960. 261p.
São Pedro ou São Rocha? s. l., s. ed., 1933. 12p.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *O problema religioso da América Latina.* São Paulo: Empresa Editora Brasileira, 1920. 444p.

2. Textos biográficos:

LIMA, Éber Ferreira Silveira. *Reverendo Eduardo Carlos Pereira - Notas históricas e teológicas.* In: *Boletim Teológico.* São Leopoldo: FTL-B, ano III (abril de 1989), nº 8. pp. 61-86.

MAIA, Padre Pedro Américo. *Pe. Leonel Franca.* São Paulo: Loyola, 1982. 71p.
Dicionário Biográfico da Enciclopédia Abril. São Paulo: 1972. Verbetes sobre Leonel Franca, p. 224.

3. Livros sobre lingüística, semântica, semiologia e semiótica:

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia.* São Paulo: Cultrix, 1992. 116p.

BRANDÃO, Helena H. Naganine. *Introdução à análise do discurso.* Campinas: Editora da UNICANIP, 1993.

FIORIN, José Luiz. 3ª ed. *Elementos da análise do discurso.* São Paulo: Contexto/EDUSP 1992. 93p.
Linguagem e ideologia. São Paulo: Ática, 1988. 87 p. Série "Princípios".

OLIVEIRA, Sérgio Augusto de. *Semiótica de um discurso político.* In: *Terra e Cultura.* Londrina: CESULON, ano VII, nº 16, jul./dez. 92. pp. 45-50.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (Org.). *Palavra, fé, poder.* São Paulo: Pontes, 1987. 102p.

PAIS, Cidmar Teodoro. *Semiótica, uma ciência em construção.* In: *Anais do 2º Colóquio de Semiótica.* Rio/São Paulo : PUC/Loyola, 1983.

4. Teologia protestante do século XIX:

HODGE, Charles. *Systematic Theology.* New York: Charles Scribner's Sons, 1871. 3 vol's.

STRONG, Augustus H. *Systematic Theology.* Philadelphia: The Griffith & Rowland Press, 1912. 1166p.

WARFIELD, Benjamin B. *Biblical and Theological Studies.* Grand Rapids: Baker, 1968. 580p.

5. História e apologética do catolicismo:

ALDEA, Quintin & CARDENAS, Eduardo. *Manual de história de la iglesia.* Barcelona: Herder, 1987. vol. X, 1364p.

GARRONE, Monsenhor. *A Ação Católica.* São Paulo: Flamboyant, 1960. 144p.

LUSTOSA, Oscar de F. *A Igreja Católica no Brasil República.* São Paulo: Paulinas, 1991. 180p.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil - 1916/1985.* São Paulo: Brasiliense, 1989. 300p.

WICELI, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio: Bertrand, 1988. 144p.
O catolicismo romano - Um simpósio protestante. São Paulo: ASTE, 1962. 207p.

CRISTIANI, Monsenhor. *Nossas razões de crer*. São Paulo: Flamboyant, 1959.
O protestantismo - Perguntas respeitadas ao Senhor Ministro da Igreja Protestante, por um neophito da mesma igreja. Porto : Typographia Fonseca, 1925. 164p.

6. História do protestantismo:

Apreciação e diretrizes. Rio: Centro Brasileiro de Publicidade, 1937. 207p.

DEIROS, Pablo A. *Historia del cristianismo en America Latina*. Buenos Aires: FTL, 1992. 847p.

FERREIRA, Júlio Andrade. Retrato de Rui Barbosa de "O Papa e o concílio"? In: Unitas. São Paulo: vol X, nº 10 out. 1948. pp 618-622.

LEONARD, Emile G. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, 1963. 356p.

MENDONÇA, Antônio G. *O celeste porvir*. São Paulo: Paulinas, 1984. 268p.

RIBEIRO, Boanerges. *Igreja evangélica e república brasileira (1889-1930)*. São Paulo: O Semeador, 1991. 317p. 7. Polêmicas protestantes:

CAMARGO, Romeu do Amaral. *O protestantismo e o espiritismo*. São Paulo: Irmão Ferraz, 1928. 350p.

GAY, Teófilo. *Diccio ario de controversia*. 3ª Ed. Buenos Aires. Junta Bautista de Publicaciones, s. d. 539p.

GUIMARÃES, Thomaz Pinheiro. *A questão do sabbado*. São Paulo: Typographia Piratininga, 1922. 167p.

MANSO, Pinheiro. *Questões litúrgicas*. s. l.: s. ed., 1914. 122p.

SANCTIS, L. de & MORENO, E. G. *Compêndio de controversia entre a palavra de Deus e a theologia romana*. São Paulo: Methodista, s. d. 243p.

SCHAFF, David S. *Nossa crença e a de nossos Pais*. São Paulo: Methodista, 1964. 618p.

SILVEIRA, Guaraci. *Evangelho, Patrologia e Razão*. São Paulo: Methodista, s. d. 146p.

TEIXEIRA, Alfredo Borges. *Controversia Baptista*. Campinas: Typographia Genoud, 1919. 91p.

8. Filosofia e história das idéias filosóficas:

BRUGGER, W. *Dicionário de Filosofia*. 3ª ed. São Paulo: EPU, 1977. 570p.

MONDIN, B. *Introdução a Filosofia*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1980. 266p.

PAIM, Antônio. *História das idéias filosóficas no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Convívio, 1987. 615p.
O estudo do pensamento filosófico brasileiro. 2ª ed. São Paulo: Convívio, 1985.

PROTA, Leonardo (Coord.). *Anais do Iº Encontro Nacional de Professores e Pesquisadores da Filosofia Brasileira*. Londrina: CEFIL/UUEL, 1989. 255p.

9. Outros textos:

JANUS. *O Papa e o concílio*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1930. 656p.

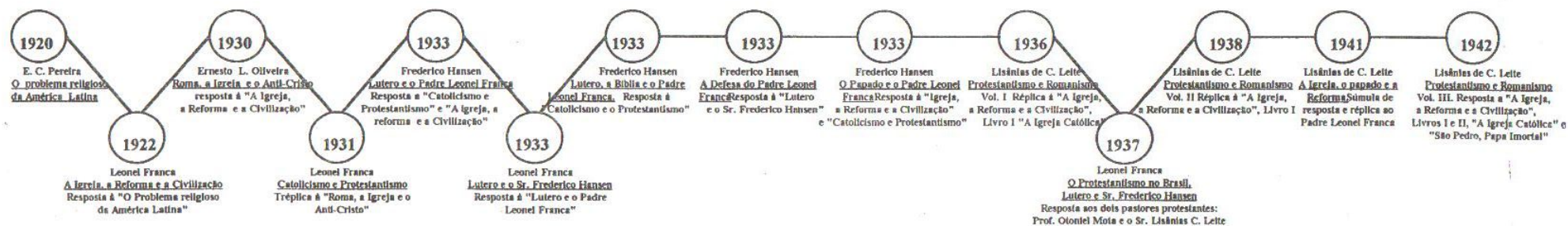
LAVELEYE, Emílio de. *Do futuro dos povos católicos*. Rio: s. ed., 1945.

10. Artigo de jornal

ROMÉRIO, Sônia. *Livros do Vaticano vão para o computador*. In. : Folha de São Paulo. São Paulo: 20.04.1994.

ORDEM CRONOLÓGICA DA POLÊMICA

PADRE LEONEL FRANCA VS. PASTORES PROTESTANTES



MARCOS

- 1923 = Morte de E. C. Pereira
- 1934 = Ernesto Luiz de Oliveira retorna ao trabalho pastoral
- 1936 = Doença de Ernesto Luiz de Oliveira
- 1934 - 1936 = Fase crítica relativa à saúde do Padre Leonel Franca
- 1938 = Morte de Ernesto Luiz de Oliveira
- 1941 = Othoniel Motta deixa a Igreja Presbiteriana Independente
- 1943 = Morte de Lisânias Cerqueira Leite
- 1948 = Morte de Leonel Franca
- 1951 = Falecimento de Othoniel Motta